

M. 2.77
785
274/

002537

- 1. Gênero
- 2. Trabalho doméstico
- 3. Divisão sexual do trabalho
- 4. Relações de gênero

PROPRIEDADE UNIVERSITÁRIA
CENTRO DE CIÊNCIAS - UFRN

Multiculturalidad

V ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORDESTE
1991


ANAIIS

VOLUME I

MODERNIDADE E POBREZA

12.73
Br 862

AS CIÊNCIAS SOCIAIS DOS ANOS 90

INSTITUTO DE PESQUISAS SOCIAIS
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO 

Alda Britto da Motta*

Em meados da década de 80, atenta a certos movimentos da força de trabalho que pareciam contrariar, pelo menos momentaneamente, alguns padrões tradicionais da divisão sexual do trabalho, e em compasso com a discussão teórica que se iniciava, no Brasil, sobre relações de gênero, elaborei trabalho sobre emprego doméstico masculino. (1984).

Efetivamente, os então recentes dados do Censo de 80 demonstravam, muito claramente, o que a observação de campo na Bahia vinha apontando: um declínio relativo do contingente feminino no serviço doméstico e, mais surpreendente, contrariando um pouco o quadro anterior de escassez, um pequeno crescimento da população masculina nesse ramo. (Castro, 1984).

Na proposta de trabalho que àquela época fiz à ANPOCS (GT A Mulher na Força de Trabalho), ressaltava como "os espaços de atuação econômico-social se interpenetram, e em seus núcleos básicos de realização redefinições históricas ocorrem, a favor ora de um sexo, ora de outro, ora em um âmbito de estratificação ocupacional, ora em outro". "Os exemplos, fazendo-se uma sociologia dos gêneros - no caso, da participação diferenciada, por gênero, na força de trabalho - são inúmeros". Até o trabalho doméstico, que por longa definição histórica tem sido o mais persistentemente feminino, nunca deixou de ser exercido também por homens. "E em determinados momentos, parece que crescentemente".

Do mesmo modo como, nos momentos de inovação tecnológica quanto ao processo de trabalho, ocupações e tarefas tradicionalmente "femininas" tornam-se "masculinas" (exemplo clássico/contemporâneo da indústria têxtil), em momentos de crise econômica e consequente escassez de oportunidades de trabalho, também a força de trabalho mais favorecida no mercado, a masculina, pode dirigir-se para ocupações tradicionalmente definidas como femininas.

Embora seja concomitante um outro padrão de absorção ou exploração da força de trabalho, só mais recentemente reconhecido, de permanência das mulheres no mercado de trabalho em conjunturas de crise (Spindel, 1987), inclusive "protegidas" pela sua qualidade, ideologicamente formada, de mão de obra mais barata e mais dócil; do mesmo modo como podem se constituir até em mão de obra preferencial, em indústrias de ponta, pela sua formação em delicadas qualidade "femininas". (Hirata, 1987).

* Mestrado em Sociologia e Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), UFBA. BRASIL

Realmente, apesar da força incontornável dos ciclos da economia, padrões ideológicos tradicionais subjazem a esses movimentos, determinando, com repercussão mais ou menos individualizada, surpresas e estranhamentos (e, não raro, preconceitos), contra essas mulheres ou esses homens que desempenham tarefas social ou até legalmente definidas como pertinentes ao outro sexo. Foi o caso, por exemplo, das primeiras mulheres, estudantes ou professoras, na universidade, ou, bem mais recentemente, do ingresso feminino na construção civil, e dos homens em certas tarefas do serviço doméstico.

Como, durante estes últimos anos, não foram realizados muitos trabalhos específicos sobre sexualização das ocupações, volto ao tema, já num momento em que a discussão teórica sobre a categoria gênero tornou-se prioritária, como continuidade/superação dos Estudos sobre a Mulher e, com proposta de abrangência maior, como Relações Sociais de Gênero, estudos sobre mulheres e homens, inclusive do ponto de vista do conhecimento das maneiras como a condição sexuada informa e reforça construções culturais desiguais.

O trabalho doméstico realmente vem sendo, ao longo da história, prioritariamente atribuído às mulheres, e com tal unanimidade de opiniões e persistência de realização que chegou a ser considerado antes um papel social que trabalho. (Gálvez & Todaro, 1983). Expressão oficial disto são as categorias dos Censos, de vários países, ao classificar as donas-de-casa como "inativas".

Como papel social e não, trabalho - afim e complementar aos papéis de mãe e de esposa, manteve-se tão naturalizado e, portanto, socialmente invisibilizado, quanto estes. E não apenas no exercício cotidiano da ideologia dominante, mas também na prática teórica da ciência. Só em época recente - portanto, tardiamente - e graças à importante produção acadêmica feminista, o trabalho doméstico alcançou o "status" de objeto digno de estudo científico. Visibilizado, foi reconhecido como trabalho necessário à reprodução/reposição da importante mercadoria força de trabalho, para o capital. Mas não antes de um intenso debate sobre uma sua possível produção de valor (relembre-se a polêmica veiculada pela *New Left Review*, a síntese em Molyneux, a contribuição latino-americana (Britto da Motta, 1985), estancado pelo provável discernimento da inutilidade da discussão nesses termos, dado o caráter não propriamente capitalista das condições de realização do trabalho doméstico e das relações que o constituem.

A discussão ganhou um outro aspecto importante, porque se referia a um trabalho, afirmava um trabalho, dispêndio de energia, produção material; e visibilizava a sua dura realização por de terminados indivíduos, de determinado sexo, majoritariamente mulheres, e porque são mulheres, socialmente subordinados. Ora, isso implicava - mesmo quando não explicitado diretamente, mas implicava teoricamente - em uma perspectiva de gênero.

Pantateada a feminização do trabalho doméstico, mas evidenciado que, minoritariamente, homens o realizam como assalariados, cabem indagações: Como se dá essa rara "troca de papéis"? Que homens a enfrentam, ou são relegados a realizá-la? E, principalmente, que significa o homem no serviço doméstico?

Pode significar, em primeiro lugar, uma forma particular, ainda que transitória, de superação do tradicional dualismo mulher-trabalhando em casa X homem-trabalhando na rua. Assim como, também, superação, pelo menos aparente, da sexualização de papéis, ou da feminização da ocupação. O que indicaria, teoricamente, possibilidade de superação parcial da mais fundamental forma de divisão sexual/tópica do trabalho.

Na prática, entretanto, não é exatamente assim. Não apenas porque a tendência é minoritária, mas porque sua realização contém outros significados.

Quando os homens no serviço doméstico realizam tarefas idênticas às que as mulheres comumente realizam, tais como cozinhar, lavar e passar roupa, tomar conta das crianças, (maioria dos casos encontrados), isto significa uma certa troca de equivalentes sociais, diferente das substituições de um sexo pelo outro em atividades ou ocupações onde, ao ritmo da conjuntura, se conquista ou ascende a um novo posto. Esses homens não conquistam nada. Eles são tão ou mais discriminados socialmente que as mulheres que "substituem": são os mais pobres, os de mais baixo grau de escolaridade, os muito jovens, ou os homossexuais.

Em contrapartida, alternativamente se confirma uma forma de divisão sexual do trabalho interna ao serviço doméstico, que remete a uma certa "elite" masculina, no caso dos jardineiros e motoristas que servem às camadas mais altas da população. Têm melhores salários, horário fixo de trabalho e muito melhor consideração social. (Inclusive porque exercem "papel de homem", em contraposição àqueles que realizam tarefas internas à casa, trabalhos "de mulher").

Aliás, os fatores ideológicos que definem ou ensejam a realização de certas tarefas só por homem ou só por mulher, são, às vezes, determinados por lógicas difíceis de desvendar.

Por exemplo, se por um lado explica-se - mas não se justifica - o cozinhar/servir/lavar/passar/tomar conta de crianças por parte das mulheres, como tradicional extensão do papel materno, dentro da retenção das mulheres no âmbito do privado, por que, ainda hoje, diante da crescente participação das mulheres na força de trabalho e do abalo dos preconceitos, as ocupações de motorista particular e de jardineiro ainda são de domínio exclusivamente masculino? Mantém-se, apesar de tudo, o preconceito contra as mulheres, expresso no versinho jacoso "Mulher ao volante, perigo constante"?

E o jardineiro, seria homem porque teria trabalhos pesados? Faxineira também tem. Sai do corpo da casa? Mas para tão perto... Precisa ter um saber...? Cozinheira também precisa. Tudo isso, talvez, porque a força e o saber feminino antes não apareciam - e ainda aparecem pouco, principalmente para as mais pobres.

Para desvendar um pouco desses mistérios, e discutir mais as possibilidades de dessexualização dessa ocupação, realizamos duas pesquisas, em 1984 e 1991.

AS FORMAS DO EMPREGO DOMÉSTICO MASCULINO EM SALVADOR

Na "Bahia de Todos os Pobres" (Souza & Faria, 1980), assume, evidentemente, grande importância, o setor de serviços, destacando-se, ainda hoje, o serviço doméstico remunerado. Nele o domínio absoluto das mulheres. (94%, de acordo com o Censo Demográfico de 80; quase 93%, segundo os dados da PED para a RMS no período de setembro de 88 a setembro de 89).

Nesse evidente "mundo" ocupacional de mulheres, em que elas são um conjunto igualitariamente destituído, inserem-se, então, relativamente poucos homens; estes, numa escala internamente hierarquizada de atribuições, tarefas, salários, expectativas sociais e representações. Em que são determinantes, além do sexo como gênero, o sexo também como orientação sexual, com seus correlatos ideológico-afetivos. Também a faixa de idade, além da cor e de categorias diretamente decorrentes da classe social, como escolaridade, formação profissional, residência rural ou urbana, etc..

Na hierarquia identificada de sub-ocupações do emprego doméstico masculino em Salvador, discernem-se três tipos principais:

1. O costumeiramente exercido por homens, quase exclusivamente por jovens - frequentemente muito jovens - com remuneração das mais baixas. Nas seguintes modalidades:

- a) apoio ou complementaridade às tarefas realizadas por mulheres, dentro da casa: varrição de casa, lavagem de vidros (paredes) e janelas, de sanitários, faxinas gerais;
- b) realização de tarefas "não-femininas", (porque exercidas fora da casa: varredura de áreas externas à casa, lavagem de carros, limpeza de piscinas, cuidado de cachorros, mandados de rua. (Realização de pagamentos, pequenas compras, etc..).

São empregos geralmente transitórios na vida do indivíduo. Tarefas para jovens "em início de vida". Delas, passam, ou tentam passar, para outras melhor pagas e avaliadas. Essa transitoriedade de é vista de modo natural, como etapa de vida, conforme expresse em entrevista, a propósito de pergunta sobre o motivo da saída do único emprego doméstico tido, aos quinze anos: "Fui ficando rapaz, aí...).

Esses jovens servem geralmente às camadas mais altas da população, embora algumas vezes sejam encontrados em residências de famílias de classe média.

2. O exclusivamente masculino, jamais exercido por mulheres, com melhor "status" ocupacional e melhores - não raro, muito melhores - salários: jardineiro e motorista particular. Servem exclusivamente às camadas mais altas da população e costumam manter-se no exercício de tais ocupações pela vida à fora. O motorista, não raro acumula algumas funções de mordomo ou intermediário entre patrões e o resto da criadagem, ou entre aqueles e as pessoas que os procuram em casa, e faz mandados mais importantes de rua. Os jardineiros têm níveis muito variados de qualificação, mas costumam ter condições objetivas de trabalho melhor definidas do que os empregados que fazem serviços dentro de casa. Tais como tarefas e horário fixo de trabalho.

3. O trabalho correspondente ao tradicionalmente realizado por mulher: cozinhar, limpar a casa, cuidar das crianças, lavar e passar roupa a ferro. Em suma, o que corresponde ao que se identifica mais tipicamente como doméstico. É o menos conhecido em suas condições de realização, e a respeito das quais evitam falar empregados e patrões. Estes, não são apenas das camadas mais altas de sociedade.

Essa particular forma de emprego doméstico masculino constituiu-se no foco principal da análise.

Condições de realização da pesquisa

As condições de realização de ambos os trabalhos de campo, em 1984 e 1991, foram especialmente desencorajadoras. Não tanto pelo minucioso e demorado trabalho de localização de pessoas a serem entrevistadas, o que já era previsto, mas especialmente, pelos mecanismos de ocultação e resistência ao contato encontrados, pela relutância ou recusa às entrevistas, tanto por empregados como por alguns patrões; situação agravada pela conhecida rotatividade dos domésticos no emprego.

Realizei longas entrevistas com onze homens - mas só depois de, com poucas exceções, terem marcado de duas a três vezes, sem aparecerem; ou fixarem, através de terceiros, condições especiais: que não aparecesse mais de uma pessoa, que fosse breve, etc. (Embora essa brevidade fosse, uma vez realizado o encontro, ultrapassada por eles mesmos...).

Aproveitei a oportunidade do conhecimento previo de um deles, para realizar uma observação adicional, mais profunda, de contatos repetidos. Ouí, também, opiniões de pessoas que tinham alguma relação com os entrevistados, ou até também com outros que foram localizados, porém depois perdidos para a entrevista: amigos, vizinhos, conhecidos. Deles, coletamos informações adicionais que foram muito esclarecedoras, especialmente quanto à expressão de opiniões e expectativas a respeito da atuação de pessoas que realmente realizam um trabalho de relativamente rara ocorrência na sua condição de homens.

Por ocasião do segundo trabalho de campo, procurei saber dos entrevistados da fase de 1984. Pretendia reentrevistá-los. Não consegui. Apurei, através de conhecidos, que nenhum deles está mais no serviço doméstico.

As populações estudadas

Sim, que homens são esses, os que realizam trabalho doméstico, ainda hoje definido tão generalizadamente como "de mulher"? Quais as suas condições materiais de trabalho, e de existência e o que pensam a respeito delas? De que relações participam?

São, em maioria, jovens, entre dezesseis e vinte e sete anos; com apenas três de meia idade. Mulatos, (só dois brancos), mi-

grantes, originários da zona rural (só um de Salvador), solteiros. (Só um com filhos, que vivem com a mãe). Têm dois níveis nitidamente diferentes de escolaridade: uns são analfabetos, ou semi-analfabetos, e os outros têm quase todos o primeiro grau.

O tempo de permanência deles em Salvador é variável, de quase dois a quinze anos, para os mais jovens, e de trinta e sete e trinta e nove anos, respectivamente, para os mais velhos, que têm quarenta e cinco e quarenta e seis anos. O que demonstra, de logo, quão cedo foram introduzidos no trabalho doméstico.

No grupo mais recente, todos estão realizando trabalho doméstico, e sem perspectiva imediata de mudança. No grupo de 1984, apenas dois estavam realizando serviço doméstico na ocasião das entrevistas - mas todos admitiam a possibilidade de voltar a esse tipo de trabalho. Ainda mais, três deles expressaram gostar de trabalho doméstico (o que jamais ouvimos de mulheres, em anos de entrevistas com empregadas domésticas). Deles ouvi depoimentos como:

"Adoro trabalho doméstico, me sinto muito bem. Gosto de deixar tudo bonitinho, tudo organizado (...) Fôrrô de cama mudado, as plantas cuidadas, tudo bonitinho". Dois, entretanto, não expressaram qualquer agrado em relação ao trabalho, um deles, inclusive, demonstrando, por gestos tímidos, sorriso desolado e omissões, sentir-se envergonhado, quando perguntei que tarefas realizava.

Em 1991, novamente ouço:

"Desde criança eu tinha vocação, o dom de fazer alguma coisa em casa. Ajudava minha mãe, às vezes, por gosto. Fiz um curso de culinária....".

Mas também de novo: "Fui trazido menino, do Interior, pelos patrões...".

No exercício do emprego doméstico, em 1984, todos moravam ou haviam morado em casa dos patrões, realizando (com exceção de um) todo o serviço da casa, da cozinha à lavagem de roupa, passando pelo cuidado de crianças. Em 1991, só um não mora em casa dos patrões (porque vende produtos de beleza e a patroa não aceitou que realizasse o comércio em casa dela). Quanto às tarefas realizadas, novamente a maioria realiza todo ou quase todo o serviço da casa, mas encontro também um jardineiro e - atipicamente - um jardineiro/babá. Que depõe:

"Corto grama, cuido do cachorro, tem um gato, tudo aqui fora é comigo. Tomo conta da menina (que tem uns seis anos) quando A. (a patroa) sai". Adiante: "olhava a menina, quando menor, até de noite; dava mamadeira, quando saíam".

Há, realmente, algo que biparte esses grupos, que parece definidor de situações e, realmente, de dois subgrupos em ambas as amostras: a identificação sexual. Alguns desses homens são heterossexuais, mas a maioria é de homossexuais, como também eram homossexuais todos os outros que localizei (em ambas as vezes) mas não consegui entrevistar. A partir dessa diferenciação, que parece, fortemente, remeter a diferentes formações de identidades, os grupos realmente cindem-se em dois, com as seguintes características:

os homossexuais então entre os mais jovens, são os de mais alta escolaridade e dos que estão em Salvador há menos tempo (uma exceção). São os que declaram gostar de trabalho doméstico, embora sejam dele também críticos. Há, da parte deles, uma assunção muito declarada de gostos até muito recentemente socialmente definidos como femininos, entre os quais o de apreciar muito roupas, principalmente enfeitadas e coloridas, ler "romances de amor", lidar com crianças, fazer decoração.

Os heterossexuais não tiveram instrução formal (exceto um, que cursou até a terceira série do primeiro grau), e, obviamente, pouco sucesso de conseguir melhor emprego. Correspondem, na quase totalidade, àqueles que foram trazidos do Interior do Estado para o trabalho doméstico quando meninos e, sem maiores recursos - principalmente aquele da escolaridade -, apresentaram o grau mais acentuado de conformismo à situação social.

Todos começaram a trabalhar cedo - às vezes, demasiado cedo! - e o emprego doméstico foi sempre o primeiro ou o segundo que tiveram. As formas de recrutamento foram as mais tradicionais, às vezes sem qualquer nitidez na passagem de "crias da casa" a empregados. Como que um quase imperceptível resvalar, nas relações sociais, equivalente à derivação, gramatical, sutil e enganadora, de cria a criado. Contam:

"Meu pai deixou minha mãe, e ela viajou para B. Fiquei morando com meu avô, até uns dez anos. Aí, uma senhora me pegou para me criar e eu fui para a casa dela, ajudar a fazer as coisas".

"Nasci na fazenda deles, em A. Desde pequeno, brincava com os filhos deles. Com sete anos, vim com eles para Salvador. Quando meus pais morreram, eu já estava aqui com eles". (E está até hoje).

"Com uns nove anos, eu trabalhava na fazenda, lá em S. Ajudava a pegar bezerro, botar no curral, carregar leite, essas coisas assim. Com doze anos, vim para Salvador, com uma senhora conhecida de minha mãe. Na casa dela, eu varria a área, cortava grama, lavava prato, varria a casa, lavava sanitário, fazia mandados".

Aprender os serviços, aprender a cozinhar, ora, para eles, uma decorrência do "ir olhando", porque estavam sempre ali por perto. (O único que iniciou o emprego doméstico mais tarde, começou com dezoito anos).

Cresceram, mas a ambiguidade cria/criado foi, na quase totalidade, mantida até a vida adulta (e ainda persiste em dois casos), e se expressa muito claramente nas condições de realização e vivência do trabalho declaradas e, de forma exemplar, na consideração dos salários dos estudados em 1984: Ao longo da sua história ocupacional, no que se refere a trabalho doméstico, que constitui ou a maioria ou a totalidade das ocupações exercidas, o salário parece inexistente; ou é irrisório e complementado com a doação de roupa ou "agrados" (pequenos presentes, ou pequenas remunerações específicas de determinadas situações); ou esse salário não pode ser declarado, envergonha. Surpreendentemente, nenhuma das perguntas feitas nas longas entrevistas, deixou de ser respondida - a não ser para alguns, esta, relativa ao salário. A vida de família foi contada,

privações nas fases de desemprego não foram omitidas, padrões de sexualidade minoritários foram revelados, mas o salário, não. Muito educadamente, e com visível timidez, recusaram dizer. O máximo que ouvi, foi: "Dá pra viver".

No grupo entrevistado agora, entretanto, dá-se uma grande diferença quanto a salário. (Talvez a única diferença sensível entre os resultados dos dois trabalhos de campo). Certamente devido às grandes conquistas sócio-jurídicas obtidas pelos trabalhadores domésticos com a Constituição de 1988, todos declararam receber o salário mínimo estipulado pela lei.

Ao mesmo tempo, a nova situação quanto a direitos legais não se reflete suficientemente, no grupo recentemente entrevistado, quanto a outros aspectos das relações de trabalho, como o descanso semanal remunerado ("folga"), férias anuais e, sobretudo, a assinatura da carteira de trabalho pelo patrão. Quase todos (só uma exceção), têm a folga, mas quinzenalmente, e só um tem a carteira assinada. (Três têm carteira, mas não-assinada). Férias, também, poucos têm. Um deles chega a declarar: "Nunca pedi a ela", em tom de quem desiste de pedir um favor.

Um dos que foi "cria da família" (desde os oito anos de idade) não esconde sua revolta diante da não obtenção dos direitos legais, principalmente pela não-assinatura da carteira de trabalho e, preocupado com o futuro ("Que vai ser de mim sem poder me aposentar?") Tem tido contatos com um advogado que prometeu assistí-lo.

Os de 1984 tinham fo'ças sem regularidade precisa; com exceção de um, que as tinha aos domingos, a partir das dez e trinta. Férias, nenhum destes jamais teve, pelo menos regularmente. Tinham saídas e viagens, "quando é necessário". Carteira profissional, que se todos tinham, mas não-assinada. (Nunca assinadas, também, nos outros empregos tidos).

Conforme anteriormente referido, todo o tempo de exercício do trabalho doméstico tem sido, para ambos os grupos, também de residência "no emprego" (uma só exceção), que é o padrão ainda dominante em Salvador, embora em processo de mudança; pelo menos em relação às mulheres mais politizadas, às casadas diaristas e aos novos modos de vida da classe média pauperizada pela crise. (Britto da Motta, 1989).

As queixas quanto às condições de alojamento são também frequentes e conhecidas, semelhantes às expressas pelas empregadas, (Britto da Motta, 1981, 1989) nos apartamentos de famílias de classe média, onde os quartos de empregada realizam, no cotidiano, o que frequentemente trazem expresso nas plantas arquitetônicas: são "depósitos". Onde ficam muitos guardados da família empregadora, além de objetos de uso no trabalho doméstico, como enceradeiras, aspiradores de pó, ferro e tábuas de engomar, e materiais de limpeza. Um deles expressa:

"O que eu mais queria na vida era ter meu quartinho organizado! Mas não tenho. É um depósito. Isso me choca! É uma coisa (por) que os domésticos lutam, por um espaço só seu.

Uma das raras exceções encontradas, não de admirar naquele que tem empregadores de classe social mais alta: "Meu banheiro, meu chuveiro com água quente, meu armário, minha cama, tem tudo". Sem guardados dos patrões.

A carreira ocupacional

Dois dos entrevistados em 1984 só tiveram empregos domésticos, um deles continuando na mesma casa onde começou a trabalhar, ainda menino. Os outros têm alternado empregos domésticos com outras atividades - de comércio a biscate - com predominância do serviço doméstico. Os que tiveram uma alternância de ocupações domésticas e não-domésticas, declararam uma média de seis empregos, no total das duas modalidades.

Todos vieram para Salvador com a família para quem trabalhariam, de modo que a "escolha" do serviço doméstico foi mera contingência. E o fato de que nele tenham permanecido, direto ou alternadamente com outras ocupações, terá sido provavelmente consequência de fatores agravantes da escassez de oportunidades gerada pela crise econômica em que vive o país; ausência de escolaridade, com a consequente inexistência de formação profissional e escassez de informações sobre possibilidade de empregos, ou, mesmo no caso da existência de escolaridade pelo menos primária completa, como é o caso dos homossexuais do grupo, pelo preconceito que suscitam. O qual, aliás, pode existir em menor escala para a admissão em serviço doméstico, porque em alguns casos, não incomuns, outras expectativas podem ser postas, em relação a eles, por uma parte dos patrões. Ao que pode aliar-se a procura direta, por parte dos empregados, de atividades "femininas", atendendo a definições sociais de longa duração.

A carreira ocupacional dos entrevistados em 1991 é impressionantemente semelhante à do grupo de 1984, com a quase totalidade deles (só uma exceção, além do nascido aqui), tendo vindo para Salvador meninos ou bem jovens, com as famílias que os empregariam.

Relações no trabalho

Há uma expectativa particular, da parte dos empregadores, em relação aos empregados homossexuais, que às vezes é objeto de espanto ou da crítica de parentes e vizinhos. Esperam deles, além do que comumente esperam da empregada, mulher, uma de duas qualidades ou atuações especiais: uma dedicação muito grande ao trabalho doméstico - quase diria, uma devoção - que deveria corresponder ao feliz atendimento da sua escolha "feminina"... Ou e uma atitude de proteção às "moças" da casa, que corresponde à expectativa de tirar proveito da suposta ambiguidade da figura do homossexual, que encarnaria a possível força física masculina para a defesa, e, ao mesmo tempo, uma inofensividade sexual às mulheres. Algo semelhante ao que se esperou dos eunucos guardadores de haréns, em outros tempos e lugares, como bem lembrou amigo historiador.

Já ouvimos isso, com explicitação mais ou menos clara, mais ou menos "elegante" ("O empregado novo é um excelente cozinheiro, dedicadíssimo!" Baixando a voz: "É da segunda dúzia!), em várias ocasiões, e que vamos reencontrar nas entrevistas: "Vim trabalhar em Salvador a convite do pai das moças, que comprou um apartamento aqui, para eu tomar conta delas". Revela que brigavam muito, e por isso saiu, contra a vontade dos patrões. Fala uma vizinha do apartamento onde fui fazer uma entrevista, e já não encontrei o empregado: "Pois é, a dona da casa achava que ele ia ser fator de segurança para as moças da casa, e o que realmente aconteceu foi que ele inaugurou um verdadeiro "trottoir" no edifício. Era um desfile, dos tipos mais "acabados" a senhores bem vestidos, nos horários em que a família não estava em casa..."

As duas alternativas das expectativas, a da dedicação - aliada a uma também amplamente referida grande sensibilidade do homossexual - e a da proteção/inofensividade, são documentadas também em reportagem de jornal alternativo, intitulada "Bichas: já pra cozinha" (1980), a propósito de anúncio nos classificados de jornal do Rio de Janeiro, onde uma senhora, dona de pensão, pede textualmente: "Homossexuais: precisa-se para serviço doméstico". Procurada pelo repórter, explica: "São delicados e têm uma criatividade incrível". A um candidato ao emprego, explica que na pensão moram quatro moças...

Há, entretanto, um outro tipo de expectativa em relação ao empregado homossexual que não seria, evidentemente, a dos que o empregam em casa: é a da sua temida potencial capacidade de perversão sexual dos meninos. Falam vizinhos: "Eu não teria um empregado homossexual se tivesse filhos homens! Pra mulheres, podia até ser bom, mas pra homens, não!" Ou: "Como ela tem coragem de engregar o filho, tão pequeno, para uma criatura dessas tomar conta!"

Já nenhuma expectativa particular é expressa em relação aos empregados heterossexuais, muito mais raros na cozinha e quase inexistentes como babás, além da tradicional: "Espero que respeite a casa!".

Em 1991, uma patroa entrevistada declara algo novo: Prefere homens como empregados domésticos (usa o termo "funcionários"), porque os homens são mais profissionais, cumprem melhor as atribuições e são mais diretos, falam mais francamente quando não querem as coisas.

Esses empregados, de ambos os grupos, ainda têm pouca consciência dos seus direitos legais, quase nada expressam e, parece, com exceção do citado anteriormente, nada reivindicam. Nem as folgas, nem as férias, nem a carteira de trabalho assinada e o consequente recurso à previdência social. Entre outras coisas, declaram ter boa saúde e, nas raras necessidades surgidas, terem tido a assistência gratuita de médicos amigos dos patrões. Isso, não apenas os de 84, mas até os de 91. (Com a única exceção referida).

Sobre a relação com os patrões, os atuais ou os mais antigos, falam, quase sempre com certa animação: "Tenho tido ótimos padrões! Os outros (anteriores) também eram bons, minha briga era

são com as meninas. Tive que sair fugido, porque eles me adoravam! Sempre vou lá. Até já passei um fim de semana com eles". "Me sinto muito bem. Todos eles me tratam bem, não vou dizer que me sinto mal".

"A mulher era muito ótima comigo: dava comida, apoio, me deixava bem à vontade. Eu usava a roupa que queria usar, assim bem colorida e enfeitada, me sentia bem, me sentia seguro. Saí só porque precisava ganhar salário, precisava de roupa..."

"Era ótimo, tinha muita festa, ninguém tinha preconceito, eu saía com ela (a dona da casa) no carro, e quando viajavam ou ficava com a chave da casa, tudo ótimo!"

Expressam gosto por crianças, e dedicação por aquelas da casa onde trabalham ou trabalharam. Nesses termos:

"Quantas coisas já deixei de fazer por causa desses meninos! Deixo de ir aos lugares, pra ficar com eles".

"Eu tomava conta de tudo: da cozinha à criança. Resolvia tudo, até as compras. Depósito de Banco... Me sentia dono da casa. Dava comida ao menino, (diz o nome dele), botava ele para dormir... O pessoal dizia que eu me preocupava mais com o menino que a própria mãe dele. Só saí de lá quando foram para o Interior.

"Já fui babá do filho de uma mãe solteira. Levava ele pra passear no jardim, tudo. Ele me chamava de pai".

Na resposta à pergunta: "Se fosse patrão, como trataria seus empregados, propõem atitudes menos emocionais, mais justas do que as expressas por mulheres, em igual circunstância: (Britto da Motta, 1981).

"Respeitava o direito da criatura, dando um salário digno, reconhecendo o trabalho..." Ou:

"Ia dar as coordenadas, dizer como gostava, e deixava a pessoa à vontade. Sabendo que eu já tinha passado por isso, não ia ser muito exigente, não".

As opiniões sobre o trabalho doméstico vão de um certo gosto pelo tipo de tarefa (expresso por todos os homossexuais), porém atenuado pelas condições reais do emprego, a um desencanto timidamente expresso pelo mais velho. (Heterossexual, ex-"cria da casa").

"Gosto de fazer trabalho doméstico. Adoro, me sinto muito bem. O problema é que não pagam o que mereço, e me daram pouca folga, principalmente à noite".

"Sei lá, é uma "barra", viu! Aqui eu tenho meus privilégios, graças a Deus, mas não é como a casa da gente. Poder dizer: (Levanta o braço, fortemente) Isto aqui é meu!".

"É muito bom, mas por um ponto não é bom. É bom quando você pega uma senhora boa, não seja como a que peguei no Rio Vermelho, sempre de cara feia; a gente pode demorar muito tempo".

"A senhora sabe que a gente não é bem visto no lugar onde é chegado..." "Disse que os dados das mãos não são igual, não é?".

Também demonstravam mais gosto pelo trabalho doméstico os que, em 1984, estavam com outros empregos. Um deles naquele momento trabalhando como vendedor, expressa assim: "Gosto mais da ocupação de doméstico. Agora eu tenho que trabalhar, sair, chuva e sol, ir de escritório em escritório..." "Não estou num emprego doméstico bom, hoje, porque não achei".

A informação mais impressionante, entretanto, é a de que, pelo menos no caso declarado de dois deles, (dois dos homossexuais), o emprego doméstico é ocultado da família. Um deles chega a expressar o seguinte:

"Minha mãe é uma pessoa maravilhosa. Sabe minha vida, aceita tudo. Aliás, toda minha família sabe o que eu sou, homossexual assumido, e me aceita. A cidade é que é pequena, não tem condições de (hesita) ... emprego..." Mais adiante: "O emprego doméstico, eu não conto a eles. Sabem que eu tenho um trabalho... Não precisam saber o que é ...".

Qual seria o exato problema? O emprego doméstico confirmaria publicamente a homossexualidade? Ou constitui um estigma ainda mais forte que aquela? Parece que ambos.

TRABALHO DOMÉSTICO - OCUPAÇÃO FEMINILIZADA

Há ocupações dessexualizadas? Os tipos e formas de trabalho que são realizados tanto por homens como por mulheres, são realmente equivalentes? Isto é, são executadas em condições semelhantes, e têm valor social equivalente?

A História parece evidenciar outra coisa. Demonstra uma alternância de exercício prioritário ora por homens, ora por mulheres, de certos trabalhos, em determinadas sociedades e em diferentes momentos de realização de cada modo de produção. Evelyne Sullerot (1968), lembre-se, enunciou, primeiramente essa trajetória histórica como uma perene defasagem entre predominância, piques de realização de trabalho masculino e de trabalho feminino, a partir do que se pode contar duas histórias e fazer duas sociologias do trabalho: uma do trabalho masculino, outra do trabalho feminino, sempre cabendo aos homens a realização dos trabalhos mais importantes, e às mulheres as tarefas secundárias, "de retaguarda". No capitalismo, as que ficaram desprestigiadas e mal pagas, ou simplesmente invisibilizadas e não-pagas.

Em corolário, são retiradas do campo de possibilidades das mulheres, e entregues aos homens, as formas de trabalho que atingem uma valorização social crescente, principalmente através de aperfeiçoamento técnico nas maneiras de produzir, como foi o caso de formas artesanais desenvolvidas no modo de produção feudal, inicialmente exercidas por mulheres, que foram proibidas a elas até por lei, e atribuídas aos homens; ou de trabalhos fabris de tecelagem e costura, no início da Revolução Industrial.

Ocorrências, essas, cada vez mais raras no capitalismo, onde o "normal", mesmo, vem sendo as mulheres "conquistarem" os espaços ocupacionais até então masculinos ... principalmente quando passam a render pouco. No caso das atuais ocupações exercidas por ambos os sexos, a igualdade é mais pretendida que real, ficando sempre, como já é sabido, as tarefas hierarquicamente mais altas para os homens. Nas fábricas, nas empresas, até no âmbito mais igualitário da burocracia estatal.

Quando se trata de uma ocupação historicamente subordinada e feminilizada, como o emprego doméstico, quando os homens vão para as "casas de família", vão em contingente relativamente pequeno, e menos como homens, mão de obra preferencial, gênero de maior prestígio, etc., e mais como deserdados sociais, iguais à massa de mulheres empregadas domésticas: são raros heterossexuais analfabetos ou pouco escolarizadas, politicamente indefesos, e maioria de homossexuais, melhor escolarizadas, mas estigmatizados, sobretudo identificados como "efeminados", e talvez até certo ponto assumindo certos traços de uma identidade feminina.

É quase como se não houvesse homens, no ramo, como se continuasse o trabalho doméstico um mundo privado das mulheres. O que é claramente evidenciado na percepção espontânea de uma empregada doméstica, a propósito de comentários sobre o fato de ser, a quase totalidade desses empregados domésticos, homossexuais: "Está claro, dona! Trabalho doméstico pra quem é...? Não é pra mulher?!".